

Inscriva-se hoje para tornar sua cidade mais resiliente

OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE
Campanha Construindo Cidades Resilientes
 Minha cidade está se preparando!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 27/03/2019

Campanha Mundial Construindo Cidades Resilientes:
 Minha Cidade se está Preparando [Registrar-se agora](#)

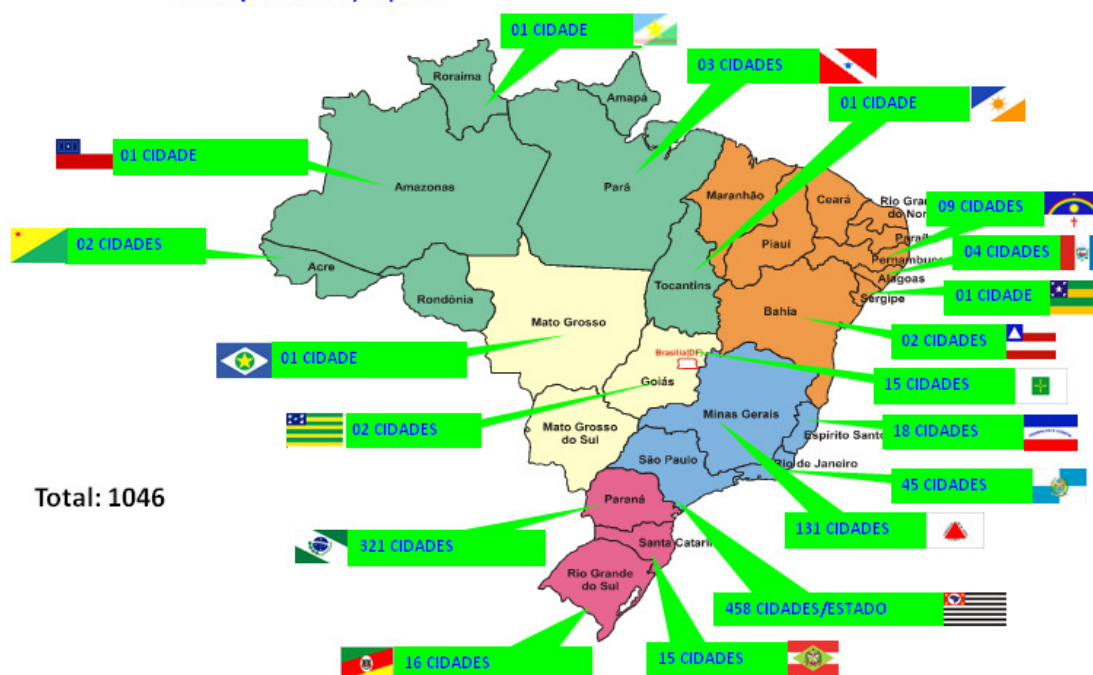
4250 cities
 are getting ready, what about yours?



QUADRO DE ADESÕES NO BRASIL CIDADES RESILIENTES



SITUAÇÃO EM 26/03/2019



| ESTADOS PARTICIPANTES | TOTAL |
|------------------------------|--------------|
| SP | 458 |
| PR | 321 |
| MG | 131 |
| RJ | 45 |
| ES | 18 |
| RS | 16 |
| SC | 15 |
| DF | 15 |
| PE | 9 |
| AL | 4 |
| GO | 2 |
| AC | 2 |
| TO | 1 |
| MT | 1 |
| BA | 2 |
| PA | 3 |
| SE | 1 |
| RR | 1 |
| AM | 1 |
| | 1046 |

Sobre a Campanha

A Campanha Global "Construindo Cidades Resilientes" aborda questões de governabilidade local e risco urbano, a fim de ajudar os governos locais a reduzir riscos e aumentar a resiliência em áreas urbanas através da aplicação do Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030 . A campanha oferece soluções e ferramentas que permitem que governos e atores locais identifiquem as lacunas na sua capacidade de resiliência e aumentam sua capacidade financeira, técnica e de conhecimento para o planejamento do desenvolvimento e capacidade de gestão de risco. Através da campanha, as cidades se tornam parte de uma ampla aliança de cidades resilientes em todo o mundo.

Por que Governos Locais?

A liderança e participação dos governos locais, como nível institucional mais perto dos cidadãos, desempenha um papel vital para qualquer compromisso sobre a redução do risco de desastres por meio da sua incorporação bem-sucedida ao processo de planejamento do desenvolvimento urbano. Tornar as cidades resilientes é a responsabilidade de todos: os governos nacionais, associações governamentais locais, organizações internacionais, regionais e da sociedade civil, doadores, setor privado, instituições acadêmicas e associações profissionais assim como todos os cidadãos devem participar. Todas estas partes interessadas devem estar a bordo para assumir o seu papel e contribuir para a construção de cidades resilientes frente aos desastres.

2010-2015: O que foi alcançado?

A primeira fase da campanha teve foco na conscientização e promoção de redução do risco de desastres. Desde seu lançamento em maio de 2010, a Campanha tem reforçado a liderança local e vontade política para a redução do risco de desastres. Até maio 2016, a Campanha trabalha com 3.123 cidades a nível mundial, dos quais 1.445 são das Américas, desde capitais como a Cidade do México, até cidades pequenas no Brasil, Colômbia, Honduras, Estado de Chiapas no México, entre outras. A campanha também desenvolve uma rede global de governos locais comprometidos com a redução do risco de desastres, aumentar a resiliência das cidades, promovendo a cooperação e aprendizagem entre as cidades.

A Campanha tem produzido uma série de ferramentas para ajudar as lideranças locais para avaliar, documentar e melhorar seus esforços para reduzir o risco de desastres, tais como os Dez Passos Essenciais para aumentar a resiliência, o Marco de Ação de Hyogo, a ferramenta de autoavaliação LGSAT para os governos locais e o manual para lideranças locais.

A campanha também se comprometeu em várias atividades de apoio técnico e reuniões com líderes de governos locais, a nível regional e internacional. Em 2014, 800 oficiais de cidades inscritas na campanha e gerentes/diretores das unidades de desastre de 36 países foram treinados no curso de capacitação em nível local (GETI).

2016-2020: Prioridades para Ação

A segunda fase da campanha, que começou em 2016 enfocará na implementação de planos de redução do risco de desastres. A Campanha Global Construindo Cidades Resilientes agora tem como objetivo garantir que os compromissos assumidos pelos governos estejam integrados no contexto local. A partir de agora com o Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030, e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), a campanha mudou seu foco para o apoio à implementação de compromissos, ao envolvimento com os parceiros, ao desenvolvimento de oportunidades de co-investimento, de planejamento local e de ações e monitoração do progresso alcançado. Em particular, a campanha continuará promovendo o compromisso dos governos locais para aumentar a resiliência frente a desastres, e alcançar a participação de 6.000 governos locais até 2020. Além disso, serão introduzidos a nova e atualizada abordagem padronizada para a resiliência como a lista de Dez Passos Essenciais e serão introduzidos indicadores, metas correspondentes e processo de comunicação aplicáveis para todas as cidades. Os parceiros do setor privado também formarão parte do público alvo e conectados com os governos locais e outros parceiros para contribuir ativamente no desenvolvimento de produtos, serviços, ferramentas e suporte técnico para soluções inovadoras na redução do risco urbano.



Ciclone Idai: por que é importante investir na preparação para desastres?

Beira, um dos centros urbanos mais antigos de Moçambique e o quarto maior do país, costumava ser, em dias comuns, uma cidade portuária espetacular, debruçada sobre o Oceano Índico.

Fundada no século 19 pelos portugueses, a paisagem de Beira é pontilhada de edifícios que evocam a memória da arquitetura colonial no segundo maior país lusófono do mundo.

Mas os dias em Beira estão longe de ser comuns. Em 14 de março, a cidade foi atingida pelo devastador Idai, o maior ciclone tropical a se abater sobre o país desde o Jokwe, que chegou ao solo moçambicano em 2008.

“Desde sexta-feira e até hoje cedo, não tivemos acesso a nenhuma rede de telefonia móvel. A maioria dos prédios teve suas janelas estilhaçadas, torres de comunicação móvel e postes de eletricidade também foram arrancados. Edifícios de escolas estão acomodando os deslocados pelas inundações”, conta Samuel Fenis, morador do bairro de Macurungo.

A tempestade, que também afetou os países vizinhos Malauí e Zimbábue, trouxe desafios para as vidas da população de Beira, estimada em cerca de 500 mil pessoas. Por anos, a cidade costeira esteve suscetível a desastres relacionados ao clima, como tempestades violentas e cheias recorrentes.

Até o momento, as autoridades moçambicanas afirmam que pelo menos 200 pessoas morreram devido aos danos causados pelas cheias de dois grandes rios, o Buzi e o Pungwe. Mas o número real só ficará mais claro depois que as águas baixarem nos três países afetados.

“Beira está praticamente paralisada, com muitos moradores passando fome e sem comida e abrigo. As conexões de transporte pelas estradas entre Beira e outras cidades, como Maputo, foram cortadas, pois as enchentes danificaram as principais rodovias, deixando-as intransponíveis”, acrescenta Fenis em entrevista à [ONU Meio Ambiente](#).

O impacto do ciclone Idai demonstra claramente a necessidade de desenvolver melhores ferramentas de conscientização e preparação para emergências, a fim de fortalecer a resiliência das comunidades locais aos impactos dos desastres.

“O ciclone é mais um lembrete da necessidade de um maior e mais urgente investimento na redução de riscos de desastre baseada nos ecossistemas e na adaptação às mudanças climáticas, para reduzir o custo humano e financeiro dos desastres naturais. A gestão ambiental responsável, os impactos das mudanças climáticas e as respostas aos desastres estão intimamente ligados e exigem uma abordagem mais sistemática e abrangente para a gestão de riscos de desastre”, afirma a diretora regional da ONU Meio Ambiente para a África, Juliette Biao.

Em outubro de 2018, o Escritório das Nações Unidas para a Redução do Risco de Desastres (UNISDR) lançou um relatório que frisava o alarmante impacto financeiro dos desastres relacionados ao clima. No período 1998-2017, países atingidos por desastres relataram perdas econômicas diretas de 2,9 bilhões de dólares. As catástrofes associadas ao clima respondiam por 2,245 bilhões do montante — 77% do total.

Após o vazamento de gás em Bhopal, na Índia, em 1984, a ONU Meio Ambiente tomou medidas para prevenir desastres e reduzir os seus impactos, por meio da elaboração do Manual de Conscientização e Preparação para Emergências no Nível Local.

“O manual ajuda comunidades a prevenir mortes, prejuízos à saúde, ao bem-estar e aos meios de subsistência, a minimizar danos às propriedades e a proteger o meio ambiente. Ele é aplicável independentemente do caráter da emergência ambiental — quer se trate de um acidente industrial, desastre natural ou uma combinação de eventos, como pode ocorrer na sequência de um terremoto ou tsunami ou de uma tempestade como o Idai”, explica Saidou Hamani, coordenador de Resiliência a Desastres e Conflitos do Escritório Regional da ONU Meio Ambiente para a África.

O manual visa motivar e empoderar lideranças locais, para que se preparem para emergências de modo mais efetivo e construam resiliência.

Como a principal autoridade ambiental global, a ONU Meio Ambiente desenvolveu em 2015 a segunda edição da publicação. O volume enfatiza a importância de uma abordagem integrada, voltada para a gestão de perigos múltiplos, além de ressaltar a importância do engajamento de diferentes partes interessadas e de toda a sociedade.

A agência das Nações Unidas, que define a agenda ambiental global, está trabalhando para lidar com os desastres naturais, acidentes industriais e crises provocadas pelos seres humanos. O organismo internacional apoia dezenas de países, como Afeganistão, Haiti, Iraque, Sudão e Sudão do Sul. Conheça o trabalho da ONU Meio Ambiente sobre as causas e consequências ambientais de desastres e conflitos [clikando aqui](#).

FONTE:<https://www.unenvironment.org/news-and-stories/story/cyclone-idai-why-disaster-awareness-and-preparedness-matters>



Estudo de resiliência climática em Lower Manhattan

Como parte do projeto de Resiliência Costeira da Baixa Manhattan, uma iniciativa integrada de proteção costeira, este estudo fornece recomendações e orienta futuros investimentos para a construção da resiliência climática em Manhattan após o furacão Sandy em 2012. O estudo seguiu estes objetivos orientadores:

- Identificar a extensão dos riscos climáticos e a exposição em Lower Manhattan nas décadas de 2050 e 2100;
- Avaliar as opções de adaptação às ameaças climáticas a longo prazo e maximizar a adaptação ao clima, sempre que possível, para abordar um conjunto abrangente de impactos de riscos climáticos;
- Apoiar a criação e integração de co-benefícios urbanos para Lower Manhattan, sempre que possível, para servir a comunidade de Lower Manhattan;
- Estabeleça uma série de recomendações em fases para maximizar as soluções de curto e longo prazo e desenvolver uma estratégia de resiliência climática de longo prazo, informada pelos esforços de planejamento existentes e projetos que já estão em andamento.

Este estudo baseia-se em esforços passados e liderança por parte das comunidades do Baixo Manhattan e da cidade após o furacão Sandy, e estabelece o caminho para a próxima fase do planejamento de resiliência climática para o futuro da Baixa Manhattan.

FONTE: https://www.nycedc.com/sites/default/files/filemanager/Projects/LMCR/190326_LMC_R_SP_Public_Report_hi_res_SPREADS_FINAL.pdf



USAID
FROM THE AMERICAN PEOPLE



WINROCK
INTERNATIONAL



Desenvolvimento participativo de sistemas de serviços de informação climática: guia metodológico

Este guia fornece orientações passo a passo para a implementação das cinco etapas que compõem a abordagem do Desenvolvimento de Sistemas de Serviços de Informações Climáticas Participativas. Destina-se a profissionais envolvidos na elaboração, planejamento e implementação de atividades para melhorar a qualidade e a prestação inclusiva de serviços de informação climática (CIS). A orientação é feita sob medida para os profissionais que trabalham com pequenos agricultores que usam previsões meteorológicas e climáticas para informar suas decisões de gestão de recursos agrícolas e naturais. No entanto, com alguns ajustes, a orientação também pode ser aplicada ao desenvolvimento do CIS visando outros usuários finais.

Essa metodologia ajuda os profissionais a avaliar os fatores que afetam o funcionamento e a eficiência dos programas da CIS, como normas sociais e culturais, acordos institucionais e fluxos de informações. Também apóia os profissionais para facilitar o diálogo entre as partes interessadas dentro da cadeia de comunicação da CEI, ajudando-os a agir juntos para melhorar o sistema. Ele apóia os profissionais e as partes interessadas da CIS na resposta às seguintes perguntas:

- Quais são os fatores que influenciam o acesso e o uso do CIS pelos usuários finais?
- Onde estão as avarias e restrições na entrega e uso do CIS?
- Quais são as abordagens e canais mais eficazes para melhorar o acesso dos usuários finais e o uso de informações sobre o clima?
- Que oportunidades existem para as partes interessadas da CIS ao longo da cadeia de comunicação para melhorar o funcionamento do sistema para melhor atender às necessidades dos usuários?

FONTE: https://www.preventionweb.net/files/64305_2019usaidmercycorpspcisdmetholog.pdf

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>